

Catálogo do Museu Gruppelli, Pelotas/RS



**MUSEO
LOGIA
UFPEL**



UFPEL

Museu Gruppelli

Catálogo do Museu Gruppelli, Pelotas/RS

Organizadores

Daiane Lages Ferreira, Diego Lemos Ribeiro, Gilson Barboza,
José Paulo Siefert Brahm, Maurício André Maschke Pinheiro,
Nadir Ferreira Branquinho Taranti, Taciana Rocha Casanova Kurz

Catálogo do Museu Grupelli, Pelotas/RS

Pelotas
Edição do Autor
2024

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Edição e revisão:

Daiane Lages Ferreira
Luana de Avila Spagiari
Lucas de Souza Machado
Yasmin Ferrari de Queiroz

Desenhos da capa:

Gabriel Acosta Insaurriaga

Fotos:

Alvaro Pouey
José Paulo Siefert Braham
Margareth Vieira
Taciana Rocha Casanova Kurz
Vinícius Kusma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C357 Catálogo do Museu Gruppelli, Pelotas/RS /
 organizadores Daiane Lages Ferreira ... [et al.]. Pelotas :
 Ed. do Autor, 2024.
 140 p. : il.

ISBN 978-65-00-94008-4
E-book

1. Museu Gruppelli. 2. Objetos. 3. Paisagem cultural.
I. Ferreira, Daiane Lages (org.). II. Título.

CDU:

Bibliotecária responsável Márcia Della Flora Cortes - CRB10/1877

Dedicamos este livro a todas as pessoas que viveram e vivem na zona rural de Pelotas e região e que deixaram suas marcas e rastros na forma de cultura material.

Em resumo, para entender o valor dos objetos, sejam eles únicos ou em série, gozando de uma vida plena de utilizações e imbuída de aspectos sócios-simbólicos ou encontrando-se integrados numa colecção, é preciso insistir nesta convicção referida supra: os objectos apresentam, simultaneamente, uma biografia individual e uma genealogia colectiva. Numa tal perspectiva, assemelham-se profundamente aos objetos, embora ostentem outro nome. Ou seja, se os objectos se revelam como inscrições dos sujeitos, também os sujeitos se apresentam enquanto traços dos objetos. Assim sendo, as colecções de objectos são ora colecções de sujeitos escritos ou objectivados, ora grupos de objectos que, por vezes constroem o seu próprio (e o nosso) trajecto de vida sociocultural, sem que os actores sociais sempre se dêem conta disso. Os objectos coleccionam-nos tanto quanto nos os colecionamos. (Andrade, 2005, p. 210)

Sumário

Apresentação	13
Introdução	18
Inauguração do Museu em 30 de outubro de 1998	22
Carroça	28
Máquina de debulhar milho	32
Pilão	36
Picador de pasto	41
Foice	45
Plantadeira manual	48
Fumigador	51
Arado	55
Barbearia	60
Máquina manual de cortar cabelo	65

Gabinete dentário	69
Grêmio Esportivo Boa Esperança (GEBE)	73
O jogo de bocha	79
Armazém	84
Tacho	87
Máquina de fazer manteiga	92
A costura	95
Cenário do vinho	98
Galão de água e vinho	103
Hospedaria	107
Mangual	112
Museu Gruppelli e a paisagem cultural	115
Os bastidores do Museu Gruppelli	127
Referências	138

Apresentação

Neste catálogo que foi preparado com muito carinho o leitor encontrará os principais objetos do acervo do Museu Gruppelli, situado na zona rural de Pelotas (RS), através de imagens e relatos sobre cada um deles, relacionando-os com o contexto do patrimônio rural da paisagem cultural.

Segundo Pinheiro (2021, p. 7), é possível considerar o patrimônio rural como “o conjunto de bens e atividades de caráter material e imaterial, o qual reflete os modos de vida do morador rural que se encontram estabelecidos em conexão com a natureza.”

Consideramos também a paisagem cultural como importante referência, que aglutina a relação entre identidade, memória, emoção, espaço e patrimônio. Tanto o patrimônio quanto os museus devem ser vistos em conjunção com o espaço, o território, o contexto, nunca em isolamento.

As formas de preservar o patrimônio na zona rural podem se dar de maneira bem interessante. No sítio em que se localiza o Museu Gruppelli, a percepção do consumo rural faz seus moradores aprenderem a valorizar o espaço onde vivem, e isso afeta todos os sujeitos e grupos que compõem essa comunidade. Para Carvalho (2006, p. 12), “a valorização do consumo do espaço rural – incluindo o modo de vida – tem dado visibilidade à existência de elementos simbólicos relacionados à vida

diária dos moradores rurais, corroborando para a existência do patrimônio rural.”

Mas é preciso considerar a paisagem em suas múltiplas conexões, de forma necessariamente integrada às dimensões naturais e culturais, materiais e imateriais nela entrelaçadas. Segundo Tognon (2002, p. 2), ”o patrimônio cultural rural reúne além do conjunto de registros materiais e imateriais originários das práticas diárias e os costumes, as formas de produção estabelecidas na área rural.”

Algumas práticas originárias são mantidas até hoje na região do Gruppelli, como, por exemplo, são realizadas festividades, como a Festa do Tomate, e os jogos de futebol com a presença do time local (Boa Esperança). Além disso, o próprio armazém e o restaurante permanecem com as mesmas características desde a sua fundação na primeira metade do século XX. Destaca-se nesse cenário a produção de pêssego, tomate e fumo sendo estas as principais fontes de renda para as famílias.

Apresentadas as diversas manifestações possíveis de patrimônio rural, inclusive na região caracterizada aqui, cabe reforçar uma questão central: como podemos identificar e definir o patrimônio rural? De acordo com Alves (2002, p. 7):

Refira-se que a discussão em torno dos significados e dos elementos subjacentes ao patrimônio rural – ou a sua percepção como tal – derivam precisamente, pelo menos em parte, de uma evidente consciencialização

social em torno da importância, não só memorial e simbólica, mas também agora econômica e política, de que o patrimônio rural passou a ser alvo.

Houve essa conscientização principalmente econômica que investe na sua produção local, valoriza seus produtos, além de abrir as portas da sua propriedade para o público, que é fundamental para desenvolver e gerar renda na região. Esses modos de preservar as memórias do que foi vivido lavoura, plantações de pêssego, preparação dos alimentos para os animais, produção do doce de melancia, por exemplo, são lembranças que formam a memória e identidade social do lugar.

Quando falamos na zona rural de Pelotas, pensamos que o patrimônio rural pode ser pensando em suas várias dimensões e podem incorporar elementos materiais como por exemplo pontes, cachoeiras, arroios, moinhos, carroças, tachos, pilões, foices, fumigadores, arados, entre muitos outros, e imateriais como a música, os contos, as lendas, a dança e culinária, o saber-fazer, como é o caso do doce de melancia de porco e a produção do bolo na pedra, entre várias outras possibilidades. Ou seja, um patrimônio para além das construções grandiosas e caras. O patrimônio rural, podemos dizer, é um patrimônio singelo, que está inserido na vida das pessoas, uma categoria de patrimônio que justifica sua existência, um patrimônio do presente.

Essas características atraem os visitantes para conhecer a região, promovendo o consumo rural, ou seja, a participação de grupos que não estão presentes na

paisagem.

As mais diversas utilizações dadas para o patrimônio rural valorizam as atividades realizadas no campo e potencializam a criação de novos empreendimentos, com as propriedades rurais sendo um espaço não só de morada, mas local de geração de lucro para as famílias e de descanso e lazer para os visitantes da cidade de Pelotas e região, como por exemplo, Rio Grande, Morro Redondo, São Lourenço do Sul, Arroio do Padre e Canguçu.

A agregação de valor aos produtos e serviços através do turismo é uma forma de preservar os costumes e tradições e impulsiona que novas famílias se interessem em abrir suas propriedades para os turistas com novos pontos turísticos e assim destacando ainda mais o meio rural.

A importância que se tem de valorizar o patrimônio rural é o fato de que, talvez, seja mais fácil manter as características das áreas rurais por estarem em um local mais preservacionista de tradições. Sobre essa questão Alves (2002, p. 19) pontua:

No patrimônio rural em particular, que melhor garantem as possibilidades da sua salvaguarda e valorização, numa época em que as sociedades contemporâneas estão sujeitas cada vez mais às circunstâncias e aos efeitos da globalização, tendencialmente uniformizadores e aglutinadores das singularidades nacionais, regionais, urbanas e, obviamente, rurais.

Na zona rural de Pelotas encontramos diversos pontos turísticos, em sua maioria de famílias que entendendo a importância de valorizar as características locais e mostrar para o público as belezas naturais abrem as porteiras dos seus sítios para o turismo.

Entre os tipos de empreendimentos destacamos cachoeiras, pousadas, restaurantes coloniais e espaço de lazer, características que podem ser consideradas patrimônio rural. A Casa Gruppelli e o Museu Gruppelli estão inseridos em uma rota de turismo rural em um circuito denominado Pelotas Colonial. Nesses lugares encontramos essas características mencionadas acima. Ambos os locais se destacam por preservar a memória e a identidade colonial, bem como os modos de vida do morador da colônia desde a sua concepção.

Introdução

O Museu Gruppelli é um espaço privado e está associado à família Gruppelli. Foi inaugurado em 30 de outubro de 1998, por iniciativa da comunidade local e que possui três idealizadores iniciais: Ricardo Gruppelli, membro da família Gruppelli, a professora Neiva Acosta Vieira e o fotógrafo Manoel Francisco Tavares dos Santos, conhecido como Neco Tavares. Esses atores sociais buscavam preservar as histórias, memórias e identidades não somente da família Gruppelli, mas sobretudo dos moradores da zona rural da cidade de Pelotas e região.

O Museu está localizado na zona rural de Pelotas (RS), Brasil, no que se denomina Colônia Municipal, sétimo distrito da cidade. O Museu se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a “vida na colônia”, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante.” (Ferreira; Gastaud; Ribeiro, 2013, p. 58, aspas dos autores).

O Museu tem como missão salvaguardar e difundir as histórias, memórias, e os modos de vida dos moradores da zona rural de Pelotas e região. Foi o primeiro museu concebido na zona rural da cidade que ainda conta com outros dois museus que são: o Museu Etnográfico da colônia Maciel, localizado na Colônia Maciel, e o Museu da Colônia Francesa, situado na Vila Nova.

O espaço museológico possui um acervo com cerca de 2.000 objetos. Ele está

organizado em sete módulos temáticos, além de contar com uma sala de exposições temporárias. Os módulos são: mercearia, esporte, trabalho específico, trabalho rural, cozinha hospedaria e vinícola. O Museu preserva um acervo diversificado que engloba itens como carroça, pilão, tacho, foice, máquina de cortar pasto, plantadeira manual, fogareiro primo, talha, amassador de uvas, barricas de vinho, material de barbearia, consultório dentário, dentre muitos outros.

O acervo do Museu foi e é adquirido por meio da coleta, compra, troca e doação. A maior parte do acervo do Museu já se encontrava na casa onde se situa. Vale mencionar que a casa em que o Museu está localizado hoje já teve várias utilidades. Na década de 1930 a parte superior da casa foi utilizada como hospedaria para receber viajantes, e na sua parte inferior se localizava uma adega em que eram guardados vinhos produzidos pela família Gruppelli, e que também funcionou por anos a barbearia de João Petit Dias. Inclusive aqueles equipamentos da barbearia eram utilizados no mesmo local onde hoje está o Museu, mesmo depois de 1998, quando o espaço já era reconhecido como lugar de representação.

Desde 2008, o Museu conta com o apoio da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) por meio de um projeto de extensão denominado “Revitalização do Museu Gruppelli”. O projeto foi coordenado pelo professor Diego Lemos Ribeiro entre 2008 até o início de 2023, atualmente sendo coordenado pelo professor José Paulo Siefert Brahm. O projeto é ininterrupto, e vem funcionando de 2008 até o momento. Ele

funciona de forma colaborativa. A UFPel provê bolsas de extensão para os alunos que atuam no projeto (o projeto conta atualmente com um bolsista) e também o transporte desses alunos até o Museu, sendo essa ação de fundamental importância. O projeto conta ainda com o auxílio de diversos outros membros que dele fazem parte e com ajuda da família Gruppelli, que provê alimentação e demais recursos necessários.

Essa forma colaborativa criada para manter o Museu Gruppelli ativo é também afirmada por Paulo Ricardo Gruppelli ao dizer que o Museu faz parte da comunidade, sendo admirado pelas pessoas. O Museu ganhou ainda mais qualidade com a parceria firmada com a Universidade Federal de Pelotas, que realiza um trabalho constante.

Diversas ações foram feitas desde 2008 até o momento no Museu. Uma delas é a própria qualificação da exposição, que trouxe uma melhora à comunicabilidade, a exemplo da iluminação, do rearranjo dos objetos em nichos temáticos (trabalho rural, cozinha, esporte, vinho, etc.) e a própria coleta de depoimentos. Comunicação que é considerada hoje a etapa mais importante do Museu. É na parte comunicativa que está localizada a exposição de longa duração e as exposições temporárias.

A partir desse contexto, a presente obra tem como objetivo principal apresentar aos leitores um pouco mais das centenas de histórias, memórias e emoções que o Museu Gruppelli preserva, difunde e transmite tendo como fio condutor os objetos

que compõem seu acervo.

A cada página veremos que o Museu Gruppelli não preserva e difunde somente objetos materiais, mas sobretudo quem fomos, somos e seremos. Ou seja, em cada um dos objetos deixamos um pouquinho de nós, deixamos nossas marcas. As conexões geradas da relação sujeito-objeto fazem com que o espaço museal (assim como suas próprias coleções) seja um local vivo, aquecido e dinâmico. Ao mesmo tempo em que contribuiu para que cada memória narrada pelos entrevistados se torne para eles uma atividade terapêutica e divertida, dando sentido a sua vida.

A partir de agora lhe convidamos a vir conosco nessa viagem que transcende os limites do visível para descobrirmos um mundo novo de infinitas possibilidades.

Pelotas, outono de 2023.

Inauguração do Museu em 30 de outubro de 1998



Fonte: Margareth Vieira



Fonte: Margareth Vieira



Fonte: Margareth Vieira



Fonte: Margareth Vieira



Fonte: Margareth Vieira



Fonte: Margareth Vieira

Carroça

Datada dos anos de 1930, esta charmosa carroça pertencia a Adolfo Weber. Um fato curioso: quando o Sr. Weber faleceu, seu caixão foi transportado nela até o cemitério, onde deram o último adeus. Alguns anos mais tarde, a carroça foi passada para o seu filho Rodolfo Weber, que a utilizou durante todo período em que morou na colônia. A carroça tornou-se obsoleta e se aposentou quando Rodolfo se mudou para a cidade de Pelotas.

Cláudia Eliane Weber, filha de Adolfo Weber, nos contou que a carroça foi muito utilizada para o trabalho no campo, para levar suprimentos (lenha, carvão e batata) da colônia para cidade, além de ser usada como veículo de passeio (para transportá-los à casa de parentes, por exemplo).

A carroça ganhou nova vida, agora patrimonial, quando foi doada ao Museu Gruppelli em 2002, aproximadamente, onde permanece até hoje.

Carroça em exposição



Fonte: Vinícius Kusma

Carroça vista de frente



Fonte: Alvaro Pouey

Roda traseira da carroça



Fonte: Alvaro Pouey

Máquina de debulhar milho

É muito comum ouvirmos no Museu Gruppelli a seguinte frase: “esse debulhador de milho foi uma invenção e tanto”. E as pessoas não estão equivocadas! O debulhador de milho foi reconhecido como uma das maiores invenções da humanidade, sendo listado no livro “As cem maiores invenções da história”, escrito por Tom Philbin. Na prática, este instrumento serve para separar os grãos de milho da espiga (debulho). Contudo, a novidade foi o tempo do processo. O que poderia levar dias para ser feito, depois da invenção levaria apenas algumas horas.

O debulhador de milho que compõe o acervo do Museu Gruppelli está lá desde sua abertura em 1998. O debulhador pertenceu anteriormente a Vicente Ferrari, o antigo barbeiro da região. Segundo sua filha, Silvana Gruppelli Ferrari, o debulhador era muito utilizado por sua família para agilizar a alimentação dos animais que tinham em casa (porcos, vacas, cavalos, galinhas...). Diz ela: “A gente utilizava. Funciona assim: a gente bota a espiga de milho ali em cima, toca naquela roda e o milho sai, sabugo para um lado e milho para o outro.”

Durante as visitas é fácil perceber que este é um dos objetos mais queridos do espaço museológico. Ouvimos muitos relatos sobre os usos deste instrumento nos afazeres de casa. Certa vez um senhor nos contou o seguinte: “Meu neto um dia me disse que o homem havia pisado na Lua. Eu respondi a ele que, depois da invenção do debulhador de milho, eu acredito em qualquer coisa”.

Manivela da máquina de debulhar milho



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Máquina de debulhar milho



Fonte: Alvaro Pouey

Entrada do milho



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Pilão

O Museu Gruppelli possui em seu acervo objetos de uso no cotidiano rural, e entre eles podemos destacar o pilão, objeto que era utilizado, por exemplo, para triturar arroz, café e milho. Os alimentos triturados no pilão eram usados para consumo das famílias rurais e para a alimentação dos animais (galinhas, porcos, vacas e cavalos).

Seu processo de fabricação se dá a partir de um tronco de uma árvore, então em meio a fogueira é feito um pequeno buraco no centro, permitindo que as cinzas fiquem ali, depois é moldado da profundidade que o produtor quer.

O pilão é um objeto que faz parte de um ciclo de produção rural. O milho é colhido na lavoura e trazido na carroça para casa, retirado do sabugo no debulhador de milho, quebrado no pilão e o restante de sua palha vai para ser triturado no picador de pasto que acaba servindo de “cama” para os animais.

O pilão que faz parte do Museu Gruppelli tem uma história de sobrevivência. Em 2016, a comunidade do Sétimo Distrito de Pelotas sofreu uma enchente de proporções inéditas. Casas e comércios da região sofreram danos irreparáveis, e com o Museu isso não foi diferente. Nessa enchente o espaço museal perdeu vários objetos, entre eles o tacho de cobre (um dos objetos mais amado pelos visitantes).

O pilão por sua vez, sobreviveu a enchente mesmo sendo arrastado para fora do Museu com a força da água. Ele foi encontrado no meio do mato por um membro da família Gruppelli e devolvido para a sua casa (o museu) local em que permanece até hoje. Nesse exemplo, o pilão nos mostra que os desafios da vida devem ser enfrentados sem jamais desistir.

Pilão e socador



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Pilão em exposição



Fonte: Alvaro Pouey

Pilão em exposição



Fonte: Vinícius Kusma



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Picador de pasto

Entre os objetos que mais chamam atenção e despertam a curiosidade dos visitantes no Museu Gruppelli está o picador de pasto.

Sendo feito para o corte de pasto, cana de milho e cana de açúcar, por exemplo, que eram trazidos pelos colonos na carroça, o cortador de pasto tem um importante papel no desenvolvimento da produção na região. Ele contribuiu para que o trabalho de picar o pasto para alimentação dos animais fosse mais versátil e fácil, otimizando desse modo o tempo gasto em serviço.

O senhor Ari Thiel, neto do doador do objeto, nos conta em entrevista concedida em 2019, que vivenciou o picador ainda em uso. Segundo ele o objeto é operado por duas pessoas, uma colocava o pasto e girava a manivela e a outra já recolhia o pasto recém cortado e juntava para depois dar para os animais se alimentarem.

Hoje, o picador de pasto ocupa o nicho do trabalho rural, juntamente com outros objetos relacionados com ele, como é o caso do debulhador de milho, carroça, foice, entre outros.

Vista lateral



Fonte: Alvaro Pouey

Manivela



Fonte: Alvaro Pouey

Vista frontal



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Foice

A foice que faz parte do acervo do Museu Gruppelli está presente no nicho “trabalho rural”. Ela foi adquirida aproximadamente em 2006, e pertenceu a Vespaziano Adamoli, morador da zona rural de Pelotas.

Esse tipo de foice era usada para cortar soja e pasto, por exemplo. Os alimentos colhidos com o auxílio da foice eram usados para consumo das famílias rurais, para alimentação dos animais (porcos, galinhas, cavalos, coelhos e perus, entre muitos outros) e para à venda. Uma questão curiosa é que esse tipo de foice foi feita para ser usada no trabalho por uma pessoa de mão canhota. Isso pode ser observado pela posição dos dentes da foice que, quando usada por pessoas de mão canhota, ficavam posicionados com a face para cima. Já se usada por uma pessoa de mão destra, os dentes da foice ficariam posicionados para baixo.

Foice em exposição em meio a outros objetos



Fonte: Alvaro Pouey

Foice



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Cabo da foice



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Plantadeira manual

A plantadeira manual que faz parte do acervo do Museu está localizada no nicho “trabalho rural” e foi adquirida em 1998. A plantadeira manual é um objeto simples, mas que foi (e ainda é) de grande relevância para o morador da zona rural por otimizar o seu tempo gasto em serviço. Ela foi indispensável para a sobrevivência e manutenção das pessoas na colônia sendo um importante registro histórico e memorial. A plantadeira era (ainda é) usada para o plantio de arroz, milho e feijão, por exemplo. Os alimentos plantados com o auxílio da máquina eram usados para consumo da família, alimentação dos animais e para à venda em armazéns rurais ou mesmo na cidade de Pelotas e região. A troca de mercadoria entre colonos também, era e é uma prática comum na zona rural.

O trabalhador bate com a máquina ligeiramente na terra para cavar um pequeno buraco quando desce ela tem que estar fechada em baixo. Depois que ela afundou cerca de 3 cm no solo, o trabalhador abre a máquina para que os grãos caiam no buraco, na sequência fecha-se a máquina e vai para outra “cova”. Enquanto anda, o trabalhador vai fechando os buracos com os pés para garantir a germinação. Para o plantio do arroz regula-se na máquina aproximadamente 10 grãos, para o milho 5 ou 6 e para o plantio de feijão cerca de 4 a 5 grãos. Com o uso da plantadeira manual é possível plantar até 2000 grãos por dia.

Plantadeira em exposição



Fonte: Alvaro Pouey



Fonte: Alvaro Pouey

Cavadeira da plantadeira manual



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Fumigador

O fumigador que faz parte do Museu Gruppelli, está situado no nicho do trabalho rural e foi doado por Marcos Gruppelli.

Ele é construído com madeira e possui um fole, servia para matar formigas e outros insetos que atacassem as plantações, impedindo que as lavouras produzissem normalmente.

O fumigador era usado com arsênico, um veneno para matar as formigas e outros insetos. Quando se chegava no formigueiro era cavado um pequeno buraco com a enxada e então se pressionava o fole provocando fumaça. Se saísse fumaça em outros lugares era tapado com terra, assim como no local onde foi usada a máquina.

O fumigador é um objeto que desperta muita curiosidade no público do Museu. Apesar de ser muito comum no campo, as pessoas da cidade não o conhecem. Certa vez, um senhor que visitou o Museu comentou conosco que quando era criança ficou responsável por cuidar das plantações enquanto seus pais estavam na cidade de Pelotas para vender e comprar suprimentos. Ele disse que acabou não cuidando das plantações por algumas horas por achar que nada demais iria acontecer. Quando voltou para verificar as plantações teve a surpresa: toda a plantação de milho que estava no início acabou sendo cortada pelas formigas. Lembra que ficou apavorado

com a situação. Disse que tentou usar o fumigador posteriormente para matar as formigas, porém o estrago já estava feito. Disse que para ele o fumigador não traz boas recordações e nem emoções positivas.

Fumigador em exposição



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Local em que é armazenado o veneno



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Fole do fumigador



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Arado

Um dos objetos mais importantes no meio rural é o arado. Ele foi adquirido em 2019 por Ricardo Gruppelli, que comprou de um senhor que vende antiguidades na zona rural. Ricardo Gruppelli percebeu o valor simbólico do arado e resolveu comprá-lo juntamente com a capinadeira para o espaço museal.

Para Philbin (2006, p. 75), o arado pode ser considerado uma dos 100 mais importantes invenções da humanidade, assim como outros objetos que temos no Museu, como é o caso por exemplo do debulhador de milho.

O autor destaca que “outras inovações foram implementadas, para fazer com que o arado pudesse ser ajustado a diferentes profundidades de sulco, uma benção para quem necessitava arar diferentes tipos de solo.”

O arado tem uma grande importância para o agricultor na zona rural. Por muitos anos ele foi a única ferramenta própria para revirar a terra e prepará-la para o plantio.

Feito de madeira, com dois cabos e uma lâmina, é muito comum nas propriedades rurais da região, sendo sempre puxada com o auxílio de cavalos ou bois que são orientados com uma corda segurada pelo arador.

Importante se destacar que o arado é um objeto que se relaciona com outros parecidos, como é o caso da capinadeira que se utiliza para principalmente limpar o entorno de pés de milho em grandes lavouras e também a grade que é feita de

madeira com ferros pontiagudos, sendo usado depois que a terra é arada para desmanchar os torrões que ficam pelo caminho, deixando o solo preparado para novas plantações.

Geralmente muitos visitantes do Museu perguntam pelo arado, dando muita importância de ter ele presente no espaço expositivo. Fato esse que nos motivou em adquiri-lo recentemente.

Arado em vista lateral na expisição



Fonte: Alvaro Pouey

Arado em exposição



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Arado em exposição



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Barbearia

Os objetos que compõem a ala da barbearia no Museu Gruppelli possuem uma baita biografia. Antes de terem uma vida museológica, foram muito utilizados pelo Sr. João Petit Dias, que doou seus objetos antes mesmo do Museu ter sua inauguração, mas há um fato curioso que merece destaque: João Petit continuou utilizando os mesmos para cortar cabelo dentro do Museu. Por um período de tempo, os objetos da barbearia além de serem itens museológicos, também eram utilitários, sendo verdadeiros híbridos até deixarem finalmente de ser usados.

Porém a vida desses objetos é mais longa do que parece, inicialmente eles (os objetos) pertenciam ao Sr. Vicente Ferrari, conhecido como o “gênio da região”, era um homem muito habilidoso com trabalhos manuais. Em entrevista com Victor Ferrari, neto de Vicente Ferrari, é dito que seu avô tinha muitas profissões, como barbeiro, relojoeiro, carpinteiro, ferreiro, além de fabricar instrumentos musicais, violinos, violões, entre outros. Segundo Victor Ferrari, seu avô também teria fabricado a cadeira e o balcão que utilizava na barbearia, utilizando esses objetos ao longo de sua vida até passar o ofício de barbeiro para João Petit, para quem também doou os objetos.

Antes de criar raízes na Colônia Municipal, por volta da década de 1980, João Petit utilizou os objetos de forma itinerante por algumas regiões próximas. Em

entrevista com a equipe do Museu, o Sr. Petit conta que cortou cabelo no espaço que hoje é o Museu Gruppelli por cerca de 20 anos, o mesmo ainda se emociona muito ao falar de sua profissão e da importância desses objetos. “[...] eu cortei muito cabelo com essas máquinas aqui e com essas maquinazinhas, me deu muito sustento para minha alimentação em casa. [...] Têm duas maquinazinhas aqui que muito eu peguei elas na mão pra fazer serviço e que hoje em dia não existe mais máquina manual: tudo é elétrica. Hoje não tem mais navalha; hoje não tem mais nada; hoje é tudo diferente, né? E eu tenho muito orgulho até de vocês me chamarem aqui pra fazer essa entrevista pra mostrar o que eu tinha, o que eu fiz na vida, né?”.

Com os avanços tecnológicos e com a obsolescência de seu equipamento, João Petit Dias acabou doando seus objetos de trabalho ao Museu, com o objetivo de que sua história fosse preservada, mas essa história não chegou ao fim. Ainda hoje o Sr. João Petit continua cortando barba e cabelo na região, bem ao lado da Casa Gruppelli. Atualmente o cenário da barbearia é um dos nichos mais admirados pelo público.

Sr. João petit



Fonte: Acervo do Museu Gruppelli

Nicho da barbearia no museu



Fonte: Vinícius Kusma

Detalhes dos objetos que fazem parte do nicho da barbearia



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Máquina manual de cortar cabelo

A primeira máquina de cortar cabelo manual foi criada por Nikola Bizumic, um inventor sérvio, e era operada com a mão, diferentemente das máquinas elétricas. A máquina manual de cortar cabelo do Museu Gruppelli está situada no nicho da barbearia e foi fabricada pela empresa espanhola J.V.S.A. – Palmeira.

A máquina faz parte do acervo do Museu Gruppelli desde a sua inauguração em 1998, foi doada pelo Sr. João Petit Dias juntamente dos outros objetos que compõem o cenário da barbearia. Em entrevista realizada conosco em 2016, João Petit conta que utilizou a máquina por mais ou menos 20 anos, comentando de forma emotiva que ela foi indispensável para a garantia de seu sustento.

As pessoas que visitam o Museu têm diversas emoções despertadas através da máquina manual de cortar cabelo, emoções como: saudade, nostalgia, felicidade, orgulho, tristeza, dentre outras. Certo dia um visitante comentou com a equipe do Museu Gruppelli que a máquina de cortar cabelo lhe dava medo e tristeza, disse que quando era criança foi ao barbeiro cortar o cabelo e retornou para casa careca. O depoente afirma que o barbeiro fez isso por seu cabelo estar infestado de piolhos, relatou também, que após essa experiência levou anos para cortar o cabelo e frequentar uma barbearia novamente.

Nicho da barbearia no museu



Fonte: Alvaro Pouey

Máquina de cortar cabelo manual em exposição



Fonte: Alvaro Pouey

Máquina em contexto com outros objetos



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Gabinete dentário

Na década de 1970, as comunidades religiosas juntamente com o Grêmio Esportivo Boa Esperança organizaram-se por meio de uma quermesse com o objetivo de arrecadar fundos para a aquisição de um gabinete dentário.

Esta mobilização foi motivada pela carência de material e de serviço especializado em odontologia na região. Após a compra do gabinete o sindicato rural cedeu um dentista para que este serviço fosse prestado à comunidade. Assim, imaginamos que o gabinete é a materialização de uma conquista para a comunidade local, para além de um objeto museal.

O gabinete dentário faz parte do acervo do Museu Gruppelli desde sua inauguração, em 1998. Em conversa com o atual presidente do Sindicato Rural, Sr. Nilson Loeck, o primeiro dentista da região chamava-se Joaquim.

Este é um dos itens do acervo do Museu que mais desperta a curiosidade dos visitantes. Já imaginou chegar no consultório do dentista e se deparar com um destes? É importante lembrar que à época praticamente não havia anestesia, conforme narram os mais antigos que visitam o Museu.

Nicho do gabinete dentário



Fonte: Alvaro Pouey

Detalhes dos objetos que fazem parte do nicho



Fonte: Alvaro Pouey

Detalhes do gabinete dentário



Fonte: Alvaro Pouey

Grêmio Esportivo Boa Esperança (GEBE)

No Museu Gruppelli temos um nicho dedicado ao esporte. A estrela deste nicho é o Grêmio Esportivo Boa Esperança, time de futebol colonial fundado em 1924 pela família Gruppelli. O time vem jogando de forma ininterrupta desde então, e vem acumulando uma série de importantes conquistas.

O futebol na colônia não está relacionado somente à prática esportiva, mas também à dimensão da sociabilidade. O futebol, nesse sentido, contribui para o fortalecimento das identidades sociais e para a criação de vínculos entre os moradores da região. Essas redes de afetos ficam evidentes no relato do ex-jogador Nelson Einhardt, em entrevista para a equipe do Museu. Para ele, o Boa Esperança “representava um grupo de irmãos. Nos dávamos muito bem; sábado e domingo estava no Boa Esperança e até hoje acompanho os jogos quando posso.”

Além dos jogos, o Grêmio Esportivo Boa Esperança também tem tradição na organização de eventos sociais. Os bailes, por exemplo, reuniam várias pessoas, tanto da região como da cidade. E esta prática, de algum modo, permanece viva. Em 2019 ocorreu no local o evento “Bingo Boa Esperança”, em que a equipe do Museu Gruppelli participou com uma atividade destinada ao público infantil.

Entre fotografias e troféus, no nicho do esporte encontra-se a bandeira histórica do Time. Esta bandeira tem uma história muito curiosa. Embora seja um objeto

musealizado (ou seja: parte do acervo do Museu), de vez em quando ela se “desmusealiza” e volta à sua “vida anterior”, antes de se tornar um objeto do Museu. Sempre que há um jogo/campeonato importante para o Time, a bandeira é retirada do Museu e levada para o campo, seu local de origem, pois a comunidade acredita que ela traz sorte ao Boa Esperança. Esta história curiosa da bandeira nos mostra que ela é híbrida, deslocando-se na fronteira entre a utilidade e o documento. Por isso, não estranhe se for visitar o Museu Gruppelli e não encontrá-la por lá.

Parte do nicho relativo ao GEBE



Fonte: Alvaro Pouey

Escudo do time em camiseta de jogo



Fonte: Alvaro Pouey

Troféus do GEBE



Troféus do GEBE



Fonte: Alvaro Pouey

O jogo de bocha

O esporte sempre esteve associado ao lazer na colônia. De acordo com Vania Thies (2008, p. 115), “O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso acontece por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, uma vez que, para quem trabalha na agricultura, não há período de férias, como há para outras profissões.”

Além do futebol, o jogo de carta a sinuca, o jogo de bolão e de bocha também estiveram e ainda estão presentes na cultura local. Segundo Peixoto (2003, p. 63), o jogo de bocha representa “um espaço comunitário de lazer cultivado desde a chegada dos imigrantes e preservado até hoje.” A autora ainda comenta, que o jogo de bocha sobreviveu ao tempo e aos processos de assimilação cultural, difundindo-se desse modo pelas cidades próximas, evidenciando-se em um forte elemento de identidade cultural na colônia de Pelotas e região.

O jogo de bocha também está relacionado as práticas de sociabilidade. Ele se configura como um importante elemento de afirmação ou reafirmação de laços afetivos entre amigos e familiares. Atualmente o jogo de bocha ainda é realizado na colônia, entretanto, sua prática é considerada um “jogo do passado”. A bocha nos dias de hoje é considerada uma prática das pessoas idosas (MACIEL, 2013).

No Museu Gruppelli as bolas que fazem parte do jogo estão presente no nicho

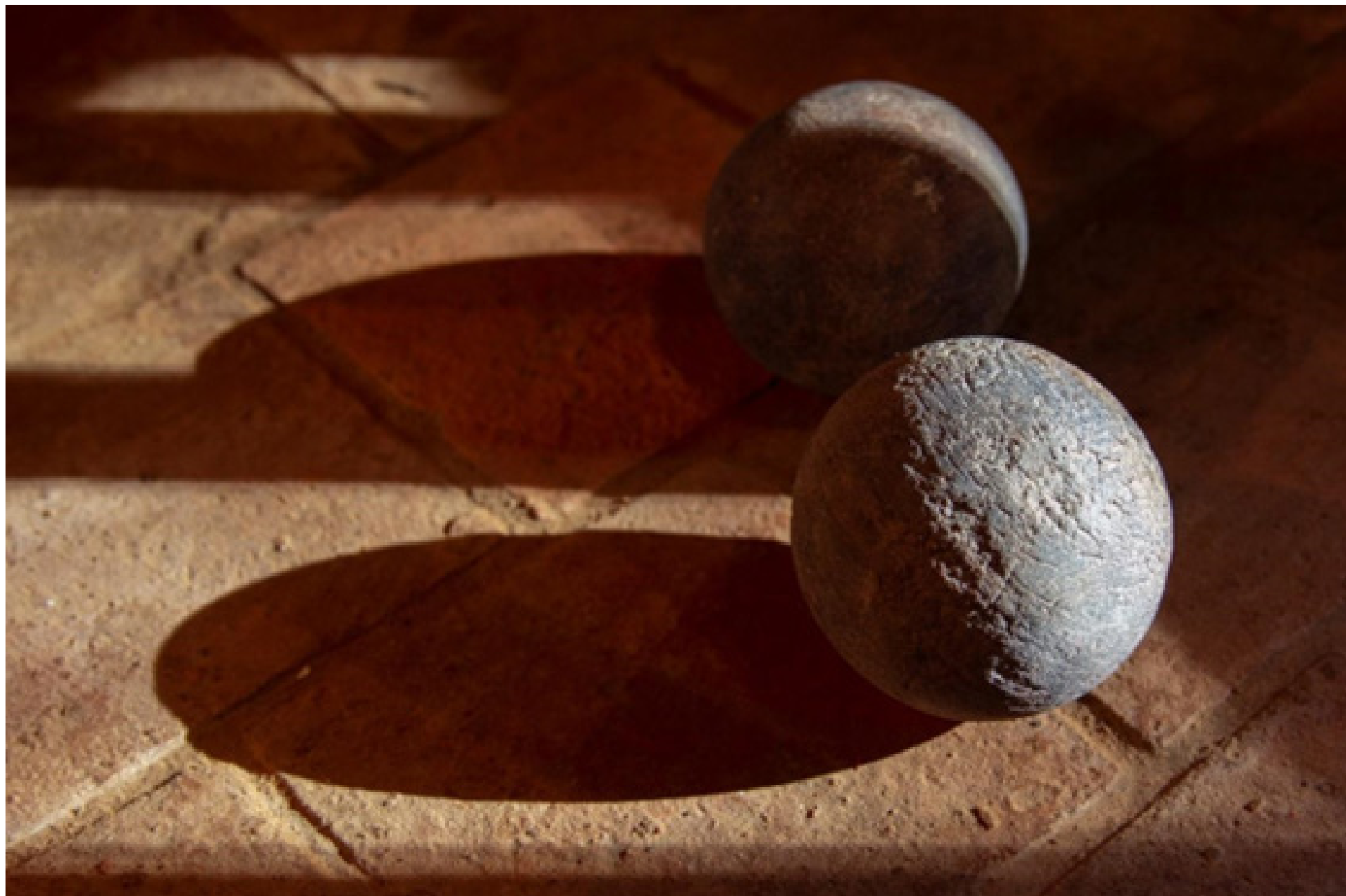
“esporte”. As pessoas idosas que visitam o espaço museal relembram o período que participavam dos torneios de bocha com muita alegria, entusiasmo e saudosismo. Para eles o jogo de bocha é tão importante quando o futebol.

Foto ampliada do bolão



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Bolas de bocha em exposição



Fonte: Alvaro Pouey

Bola de bocha



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Armazém

Os armazéns coloniais, também conhecidos como vendas ou bodegas, eram comércios que vendiam praticamente de tudo, desde utensílios domésticos até instrumentos agrícolas. Eram também, e em certa medida ainda são, os pontos de comércio mais próximos, que abastecem diariamente os lares dos moradores.

Bem mais do que um comércio, os armazéns representam para a comunidade um importante espaço de sociabilidade, como local para as pessoas colocarem os assuntos em dia e para realizarem atividades como o jogo de bolão, bocha, sinuca e carta. As pessoas que visitam o Museu comentam com frequência que os jogos eram praticamente obrigatórios nos finais de semana. Esses relatos são descritos pelos visitantes com muita alegria e saudosismo.

No cenário expositivo do Museu Gruppelli, que trata especificamente do armazém, há uma máquina registradora que possui uma história bem curiosa. Ela acompanha o Museu desde sua abertura, em 1998, e até então permaneceu fechada. Há pouco tempo, ela foi aberta por um conservador-restaurador, membro da equipe do Museu. Para a nossa surpresa, foram encontradas moedas, notas antigas, além de diversas fichas de clientes que compravam fiado no armazém. E as fichas estavam todas quitadas, diga-se de passagem. Naquela época, era “no fio do bigode”! A máquina registrado é um dos objetos que mais desperta a curiosidade dos visitantes.

Nicho do armazém



Fonte: Alvaro Pouey

Balança



Fonte: Vinícius Kusma

Caixa registradora



Fonte: Vinícius Kusma

Tacho

Não sabemos exatamente quando o tacho chegou ao Museu, mas sua história é muito curiosa. Claro, esta é uma das versões...

Ricardo Gruppelli conta que certa vez o tacho apareceu nas redondezas da Casa Gruppelli, em um dia de muita chuva, levado pela enxurrada. Durante muito tempo o tacho foi utilizado pela família para fazer doces, até que em certo momento, a ele foi atribuído um genuíno valor simbólico e afetivo, que justificou seu deslocamento para o Museu onde permaneceu até 2016.

Neste ano (2016), a localidade foi tomada por uma grande enchente, que acabou destruindo e danificando muitos objetos do Museu. O tacho, por uma ironia do destino (ou não), foi levado pela força da água. Da água veio, para a água retornou.

No mesmo ano, foi inaugurada a exposição de curta duração intitulada “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”, na qual o evento da enchente foi contado em verso e prosa. A exposição buscou contar a história da enchente narrada pela visão dos objetos. A exposição foi dividida em três atos: 1. Os objetos que se foram 2. Os objetos que sobreviveram ao ocorrido e que ganharam uma segunda chance de vida, como no caso do galão 3. Os objetos que sobreviveram a enchente e passaram pelo processo de restauração. Na exposição, os objetos sobreviventes assumiram o papel de narradores em primeira pessoa do que sucedeu naquele dia.

Apesar das memórias traumáticas em torno do tacho, há um desfecho interessante. O Museu adotou um novo tacho que, segundo Ricardo Gruppelli, foi permutado por um porco camaleônica—diz ele que os olhos da porca mudavam de cor de acordo com a luz, por isso a designação de camaleão. Assim como seu antecessor, este tacho também serve para evocar memórias, que são mediadas por afetos e emoções.

O novo tacho foi utilizado na festa de 20 anos do Museu Gruppelli para o preparo do doce de melancia de porco, e até já participou de uma exposição de curta duração no Museu Gruppelli, intitulada “A tradição dos doces coloniais de Pelotas”, em 2019.

Nicho da cozinha



Fonte: Vinícius Kusma

Tacho que foi levado pelas águas



Fonte: José Paulo Siefert Brahm

Tacho trocado pela porca camaleônica



Fonte: Alvaro Pouey

Máquina de fazer manteiga

A máquina de fazer manteiga que faz parte do acervo do Museu está situada no nicho “cozinha” e foi adquirida em 1998. Este objeto era muito utilizado (hoje ele ainda é utilizado, porém, em menor escala) nas colônias até meado do século XX, na fabricação de manteiga. Colocava-se o creme de leite de vaca (preferência da raça de vaca Jersey pelo fato de o leite ser mais gorduroso) dentro da máquina e ao girar a alavanca do lado de fora, esta movimentava as pás internas que batiam à nata. Por uma saída lateral escoava o soro do leite e dentro ficava a manteiga.

Muitos visitantes do Museu Gruppelli narram vários momentos de interação com o artefato. Alguns relatam como trabalhavam horas a fio para a produção e venda da manteiga, outros contam como ao visitar a casa dos avós ficavam fascinados com aquela pequena máquina. Os depoentes comentam também que quando eram crianças ficavam responsáveis por produzir a manteiga na máquina. Para eles essa atividade não era trabalhosa, mas sim divertida e prazerosa, tinha uma função lúdica. Muitos outros objetos que fazem parte do Museu tinham essa função lúdica para as crianças, como é o caso da máquina de debulhar milho e da carroça, por exemplo.

Percebemos que as memórias são inúmeras, mas há algo em comum em todos os relatos: o afeto, o orgulho e a gratidão por ter uma máquina de fazer manteiga de madeira manual preservada no Museu Gruppelli.

Parte interna da máquina de fazer manteiga



Fonte: Alvaro Pouey

Duas máquinas de fazer manteira em exposição



Fonte: Alvaro Pouey

Manivela da máquina de fazer manteiga



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

A costura

No Museu Gruppelli temos objetos relacionados à costura. Eles estão dispostos no nicho “trabalho específico.”

O hábito de costurar já teve especial relevância na Colônia Gruppelli e em regiões próximas, tendo inclusive diversas costureiras e alguns ateliês. A produção de vestimentas servia tanto para o uso diário dos colonos quanto para diferentes festividades como: bailes, casamentos e formaturas. A costura na colônia era uma prática voltada as mulheres e que era passado de geração em geração.

Em 2012, a equipe do Museu organizou uma exposição temporária sobre a temática que teve por finalidade trazer para dentro do Museu as narrativas da comunidade sobre o ofício da costura, apontando para sua relevância como patrimônio cultural rural da colônia. Visando desta forma rememorar e fortalecer um pouco da história desta profissão na colônia. A exposição buscou ainda estimular a memória dos visitantes em torno da costura, atividade esta que vem esmaecendo de forma acelerada na colônia de Pelotas e região em razão dos novos paradigmas impostos pela contemporaneidade.

Máquina de costura em contexto com outros objetos



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Detalhes da máquina de costura



Fonte: Vinícius Kusma

Nicho da costura



Fonte: Vinícius Kusma

Cenário do vinho

A casa que hoje abriga o Museu Gruppelli passou por diversas transformações ao longo do tempo até chegar a sua forma e uso atuais. Construída na primeira metade do século passado, o espaço térreo fora ocupado por uma vinícola, cuja simbologia se entrelaça com a própria história da comunidade e da Colônia Municipal.

Atualmente, o Museu possui um nicho específico sobre a produção de vinho, ambientado com objetos que eram utilizados à época. Entre os artefatos que compõem esse cenário, figuram o amassador e a prensa manual de uvas. Segundo Celso Gruppelli em entrevista com a equipe do Museu, esses instrumentos foram utilizados até 1977, atravessando gerações dentro da família antes de encontrarem abrigo no Museu. No espaço museal não servem mais para fazer vinho, mas são ótimos para nos conectarmos com outros tempos.

Marcos e Celso Gruppelli nos contaram, com algum tom de saudosismo, como era o processo de fabricação de vinho. As uvas eram retiradas do parreiral e passavam por um processo de limpeza e separação; posteriormente, eram colocadas no amassador de uvas para extrair o suco da fruta. No final do processo, tudo que sobrava era colocado na prensa manual para retirada de todo suco remanescente, evitando o desperdício. Por fim, deixava-se fermentar por 3 a 7 dias. Com o vinho pronto, mais do que uma bebida, tem-se um bem cultural da região.

E esses artefatos têm uma biografia longa. Marcos Gruppelli conta que seu pai, Dorival Gruppelli, produziu entre 5.000 e 10.000 mil litros de vinho nesses objetos, que hoje vivem no Museu.

Sobre os usos e os gestos empregados no amassador, Marcos nos conta: “nós tirávamos as folhas que às vezes vinha junto com a uva, separávamos as uvas verdes, porque o pai sempre dizia que a uva verde sempre dava acidez no vinho, então tinha que tirar. Depois de feito todo esse processo, a alavanca era girada e toda a uva era triturada, moída.”

Os entrevistados comentam também a modo de curiosidade as transformações que a paisagem sofreu com o tempo. Segundo os depoentes, grande parte dos parreirais da família ocupavam o espaço em que atualmente se localiza o campo de futebol do Grêmio Esportivo Boa Esperança.

Ainda hoje a família Gruppelli produz vinhos para consumo, porém suas atividades econômicas também sofreram mudanças. Atualmente a família concentra suas atividades no turismo rural e no comércio de produtos e mercadorias variadas.

Nicho da vinícola



Barris para a armazenagem do vinho



Fonte: Alvaro Pouey

Galões de vinho em contexto com outros objetos



Galão de água e vinho

O galão (apelidado carinhosamente de Gota) que faz parte do Museu pertenceu a família Gruppelli e está presente no espaço museal desde sua inauguração, em 1998. Segundo Ricardo Gruppelli, ele era usado para o armazenamento de água e vinho, em especial o que era produzido pela família Gruppelli.

Esse objeto tem uma história de vida de superação assim como outros objetos do Museu, como por exemplo, o pilão. Em 2016, com as enchentes que atingiram o Sétimo Distrito de Pelotas, o galão (assim como o pilão), sobreviveu mesmo sendo arrastado para fora do espaço museal com a força da água. Ele foi achado dias depois do ocorrido no interior da mata por um membro da comunidade local que ajudou na reconstrução da localidade. Logo após, o galão foi devolvido para o Museu local em que permanece preservado até hoje. Por sorte ou por ação do destino o galão de vidro não se quebrou, voltou intacto para a sua casa (o museu) sendo para todos nós um exemplo de superação.

Em 2016, para homenagear os amigos mortos na enchente (tacho, cadeira marrom entre outros) o galão participou de uma exposição temporária denominada “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”.

Galão de água e vinho no memorial sobre a enchente



Fonte: Alvaro Pouey

Gota em exposição



Galão de vinho visto de cima



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Hospedaria

O prédio em que se localiza o Museu Gruppelli já foi utilizado em seu andar superior como hospedaria entre os anos de 1930 e 1950. Os hóspedes que frequentavam o espaço eram oriundos da cidade de Pelotas e regiões vizinhas.

Antigamente a maioria das pessoas usavam carroça para se locomoverem de um lugar para outro, devido as distâncias serem longas muitas vezes os viajantes buscavam um local para se alimentarem e descansarem, justamente o que se encontrava na Casa Gruppelli.

A hospedaria movimentava o comércio local, pois muitos dos viajantes levava consigo produtos para venderem em outras localidades, gerando lucro para os comerciantes locais que revendiam seus produtos e para a própria hospedaria, movimentando e impulsionando assim o desenvolvimento da região.

Devido a isso, o Museu conta com um nicho específico voltado a esta temática. O nicho busca representar o quarto da hospedaria que era reservado para receber os viajantes. Esse nicho desperta grande emoção, imaginação e curiosidade nas pessoas que visitam o espaço museal.

Vista frontal do prédio da antiga adega e hospedaria



Fonte: Alvaro Pouey

Vista lateral



Parte da exposição representando um quarto da hospedaria



Berço de bebê e lavatório



Mangual

O mangual é um objeto utilizado para debulhar o feijão já colhido. Depois de colher o feijão na lavoura a pessoa coloca a planta em cima de uma lona na terra e com a ajuda do mangual se bate em cima do feijão até que os grãos comecem a cair. Depois, é só juntar e escolher os grãos.

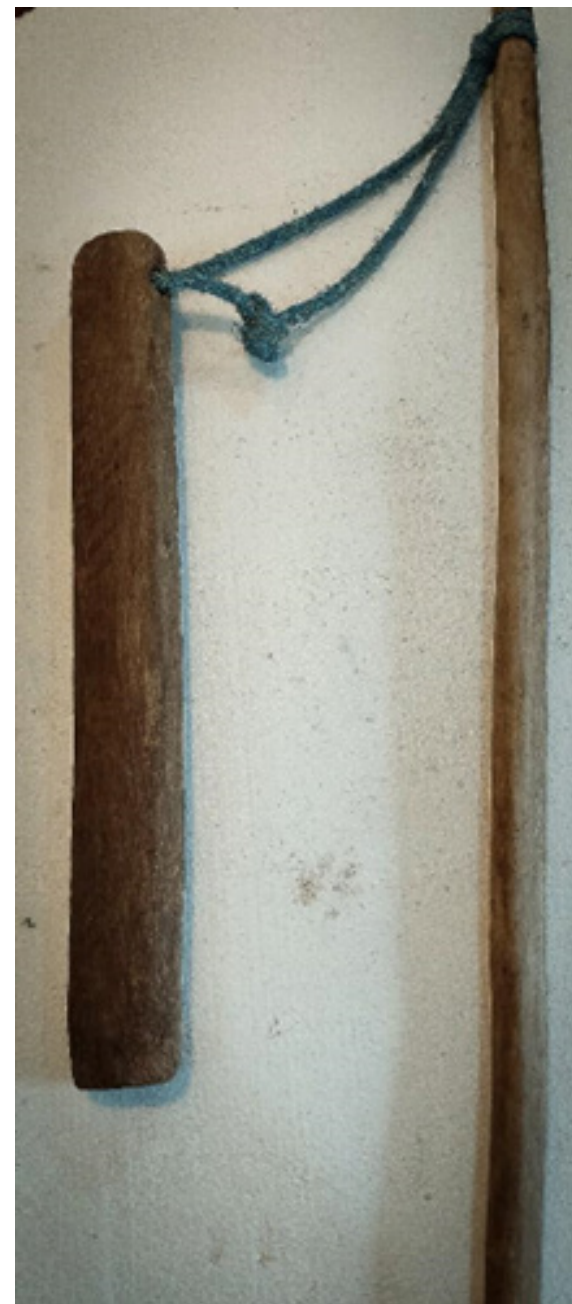
O mangual é formado por duas partes: o pítigo que é o cabo longo e leve, e o mango, pedaço de madeira bem pesada para ter força para sair o grão da vagem. As duas partes são unidas por um pedaço de couro ou corda. O objeto que faz parte do Museu Gruppelli foi doado em 2022, pelo senhor André Maschke Filho. O senhor André queria que o objeto tivesse um uso simbólico.

O objeto foi produzido pelo senhor André. O mango tem cerca de 70 anos, e era unido ao pítigo com um pedaço de couro. O couro foi desgastando-se com o decorrer do tempo e acabou sendo substituído por uma corda de nylon. Segundo o senhor André o mangual foi um instrumento importante de trabalho, dando agilidade para a produção do feijão, fazendo seu serviço render. O feijão cultivado em sua propriedade era utilizado para o consumo da sua família no interior de Pelotas, localidade de Monte Bonito onde sempre residiu.

Mangual em exposição



Fonte: Alvaro Pouey



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Cabo do mangual em detalhes



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Museu Gruppelli e a paisagem cultural

Destacamos neste livro que a paisagem cultural faz parte do próprio discurso do Museu. Dito de outro modo, o seu acervo, o prédio onde ele se localiza e a paisagem cultural em que se situa compõem o seu discurso museal. Podemos dizer que essa paisagem também tem o potencial de ser considerado patrimônio, acervo do Museu. A paisagem do espaço é composta de elementos naturais e artificiais. Os elementos naturais são compostos pela fauna e pela flora, já os elementos artificiais são compostos pelas diversas construções feitas pela ação do homem no espaço. Não devemos esquecer que essa paisagem possui informações visíveis (fauna, flora, água, terra, céu e construções artificiais das mais diversas) e invisíveis (sons, vento, cheiros, valores, sentidos, significados, memórias, emoções e identidades). Ou seja, o Museu não está isolado, pelo contrário, todos os elementos que compõem a paisagem (inclusive o próprio Museu) fazem parte do seu discurso. Quando esse discurso é reconhecido, apropriado de forma simbólica e prática pelas pessoas que vivem no espaço, e por aqueles que o visitam, podemos falar numa alma das paisagens, ou numa “alma dos lugares” (YÁZIGI, 2001).

Entrada para Casa Gruppelli



Fonte: Vinícius Kusma

Ponte sobre o arroio Quilombo



Fonte: Vinícius Kusma

Parte externa do Museu Gruppelli



Fonte: Alvaro Pouey

Paisagem do entorno do Museu Gruppelli



Parte externa do Museu Gruppelli



Fonte: Alvaro Pouey

Galinha carijó



Fonte: Alvaro Pouey

Peru



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Cabana



Fonte: Taciana Rocha Casanova Kurz

Armazém hoje em dia e Ricardo Gruppelli



Fonte: Alvaro Pouey

Compotas



Fonte: Alvaro Pouey

Fachada da Casa Gruppelli



Os bastidores do Museu Gruppelli

Um relato por Gilson Barbosa
Conservador-Restaurador do Museu Gruppelli

Nessa parte do catálogo vamos apresentar alguns procedimentos de conservação e restauro que foram feitos no acervo do Museu Gruppelli. Em 2017, ingressei no Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e comecei a participar do projeto de extensão denominado “Revitalização do Museu Gruppelli”. Tenho também, formação em conservação e restauro pela UFPel, e venho deste então contribuindo com algumas ações de conservação do acervo.

Foram escolhidos três objetos do acervo que passaram por ações de conservação e restauro e a escolha dos objetos que foram tratados se deu pela observação do seu estado de conservação e pela presença de lama aderida, que absorve umidade e acelera a deterioração, além de causar prejuízo estético.

Foi escolhida em primeiro lugar a balança, que passou por desmontagem total, limpeza mecânica e aplicação de óleo mineral sem aditivos para criar uma película protetora, visando protegê-la da umidade, por ser esse um dos maiores agentes de deterioração do local, por ser úmido. Outro objeto foi o lampião Coleman, que se encontrava com lama, foi feito a desmontagem e limpeza mecânica, lavagem do

vidro, e nas partes metálicas foi aplicada fina camada de óleo. O terceiro objeto que passou por intervenção foi a caixa registradora, ela se encontrava com a gaveta travada e não era possível fazer a sua abertura. Ela foi desmontada, foi recuperado o mecanismo de abertura da gaveta e colocado óleo para protegê-la da umidade e facilitar seu funcionamento. Foi trocado o plug do cabo de força e colocado uma chave externa para abrir. A abertura da gaveta revelou dinheiro e fichas de anotações de vendas que estavam guardadas em seu interior, tendo funcionado como uma máquina do tempo, tendo guardado seus objetos por muito tempo sem acesso, e hoje estão reveladas para o público que visita o Museu. Ou seja, abra-se a gaveta e veja os objetos no interior da caixa. Abra-se a gaveta e veja um mundo novo de infinitas conexões e possibilidades. Essa é a magia dos museus, em especial do Museu Gruppelli.

Balança antes da desmontagem



Fonte: Gilson Barbosa

Balança desmontada passando por limpeza mecânica



Fonte: Gilson Barbosa

Balança restaurada e com óleo para proteção



Fonte: Gilson Barbosa

Lampiã Coleman antes da intervenção



Lampião desmontado para limpeza



Lampiã higienizado e com camada de óleo mineral



Caixa registradora passando por processo de conservação



Fonte: Gilson Barbosa

Caixa registradora passando por processo de conservação e restauração



Fonte: Gilson Barbosa

Caixa registradora restaurada e aberta



Referências

- ALVES, J. E. **Sobre o Patrimônio rural**: contributos para a clarificação de um conceito, *Cidades – Comunidades e Territórios*. 8, p. 35-52, 2004.
- ANDRADE, P. Os objetos que colecionavam sujeitos (estilo ou gênero de escrita): diálogos sociológicos. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 206-210, jan/jun. 2005.
- CARVALHO, P. El Patrimonio y el Paisaje Rural en la (Re)construcción de las Memorias e Identidades. Reflexión entorno de algunas iniciativas e propuestas ecomuseológicas en la Cordillera Central Portuguesa. **Actas del XI Coloquio de Geografía Rural (Los espacios rurales entre el hoy y el mañana)**, Santander, Universidad de Cantabria, Servicio de Publicaciones, 2002. pp. 89-100.
- CARVALHO, P. Patrimônio Cultural e Iniciativas de Desenvolvimento Local no Espaço Rural. In Caetano, L. (coord.). **Território, do Global ao Local e Trajetórias de Desenvolvimento. Coimbra**, Centro de Estudos Geográficos, 2003. pp. 199-227.
- FERREIRA, M. L.; Gastaud, C.; Ribeiro, D. L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.

PINHEIRO, M. A. M. **Patrimônio rural**: um estudo de caso no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. 2021. 102f. TCC (Graduação em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2021. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000d1/0000d1aa.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

TOGNON, M. (org.) **Patrimônio Cultural Rural Paulista**: Espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo. Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/06501.pdf>. Acessado em 16 de maio de 2020.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano dos litorais e montanhas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MACIEL, L. L. Os bailes da colônia: memória, sociabilidade e patrimônio cultural da zona rural colonial de Pelotas (RS). 2013. Dissertação.(Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2232071. Acesso em 29 de dezembro de 2023.

PEIXOTO, L. S. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS**. Colônia Maciel: Lembranças, imagens e coisas. 2003. Monografia: (Curso de Licenciatura em História) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

“Enquanto eu viver o Museu não fecha. NÃO FECHA!”

Norma Gruppelli

Essa frase de Norma Gruppelli, reflete a relevância social que o Museu Gruppelli tem para ela e para muitas outras pessoas da comunidade local. Fundado no ano de 1998 pela comunidade da região do Gruppelli, o Museu Gruppelli, situado na zona rural da cidade de Pelotas tem como objetivo preservar e difundir as histórias, memórias e tradições do morador da zona rural de Pelotas e região.

A equipe do “Projeto de Extensão Revitalização do Museu Gruppelli” (projeto instaurado no ano de 2008 no Museu), vinculado ao curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), após tantos anos de trabalho, resolveu juntamente da comunidade lançar o catálogo do Museu Gruppelli, a fim de que as pessoas conhecessem as diversas histórias por trás dos mais famosos objetos do Museu, como por exemplo, carroça, tacho, barbearia, máquina de debulhar milho, entre muitos outros.

O catálogo do Museu Gruppelli é resultado de anos de trabalho, e de experiências vividas desta comunidade, e para a sua criação foram realizadas diversas pesquisas (documental e bibliográfica) e entrevistas com pessoas das famílias doadoras ou até mesmo com membros da comunidade. É interessante ressaltar a importância deste Museu para manter as memórias dessa comunidade sempre vivas e em movimento. Sem a comunidade o Museu certamente não teria a influência que tem atualmente!

Este catálogo é dedicado aos mais diversos públicos, mas principalmente a todas as pessoas que fazem o Museu Gruppelli acontecer! Ao folhear estas páginas, cada leitor é convidado a mergulhar nas mais ricas tradições, memórias, emoções, e histórias que moldaram e continuam a dar vida ao patrimônio cultural rural.



UFPel

**MUSEO
LOGIA
UFPel**



Museu Gruppelli

ISBN 978-65-00-94008-4